

Em «Simbolismo e premonição em *A Promessa*, de Bernardo Santareno», António Cirurgião demonstra a coerência entre a carga simbólica contida nome das personagens da obra dramática estudada (como Jesus ou Maria do Mar) e o sentido dos seus comportamentos cénicos.

«A demanda do poeta em *Orfeu Rebelde*, de Miguel Torga» é o pretexto para o ensaísta dissertar sobre o fim do poema heroico clássico e romântico e o advento de um novo tipo de poema heroico no século XX, centrado no próprio poeta: «Em *Orfeu Rebelde*, de Miguel Torga, o herói é o poeta feito Orfeu e a acção é a viagem de Orfeu através da vida e, sobretudo, a descida aos recônditos do seu consciente e aos arcanos do seu subconsciente» (p. 160).

Os artigos finais são dedicados a Jorge de Sena e permitem entender a profunda admiração do ensaísta pela produção literária seniana, animada, segundo ele, pela eterna busca de uma finalidade e um sentido que sempre escapam ao poeta: «É a demanda das demandas, porque, vista numa perspectiva das coordenadas espaço-temporais, é uma demanda sem fim e uma demanda sem termo. Para os poetas como Jorge de Sena, a 'pedra filosofal' e a 'evidências' só o são por aproximação, por analogia: na sua jornada através do mundo, jamais conseguem chegar a Ítaca» («À margem da 'Poética', de Jorge de Sena», p. 188).

*António Apolinário Lourenço*

## **AMÉRICA, AMÉRICA**

**JORGE DE SENA**

**Lisboa, Guimarães/Babel, 2011**

**192 páginas, ISBN 978-972-6656-70-8**

A coleção consagrada à obra de Jorge de Sena, na edição de Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, apresenta um livro de ensaios compostos entre 1968 e 1978 e dedicado ao Novo Continente, onde o autor viveu uma parte importante, além de ser a última, da sua vida. A redundância do título bem evoca as duas Américas que foram conhecidas e habitadas pelo autor: a do Sul, lusófona, no Brasil ainda desenvolvimentista, e a do Norte, no próprio umbigo do mundo ocidental, enquanto docente, primeiro em Madison e depois na Califórnia.

Tendo saído de Portugal para fugir às prepotências do Salazarismo, uma situação que se repetiria pouco anos depois com o abandono do Brasil, caído sob o jugo da ditadura, o autor vive a condição de intelectual exilado, situação propícia a desenvolver textos imagológicos. Dois são os temas identitários tratados: o estatuto de *ser-se* emigrante, visto no seu relacionamento com a cultura do país de acolhimento e o de origem, e a questão da visibilidade da língua portuguesa europeia *versus* o português do Brasil e o espanhol.

Os textos de abertura pretendem logo mostrar as diferenças ambientais macroscópicas que marcam a visão do viajante português nos Estados Unidos e no Brasil: a imensidão dos espaços

e a escassa densidade populacional, se comparada com Portugal de 1968, então ainda sob a governação do Estado Novo e menos desertificado no interior do que hoje, além do multiculturalismo. O «Testemunho pessoal sobre viver nos Estados Unidos de América» abre-se com uma constatação sociológica e também de classe, diferenciando os imigrantes lusos remediados e os intelectuais. De olhar desolado, o autor autentifica o estereótipo de quem emigrou de Portugal, sem posses, vindo «da Madeira, dos Açores, de Trás-os-Montes, não sabendo de Portugal mais que os horizontes da sua aldeia» e que tem como característica «a sua satisfação com uma mediania que lhe parece uma ascensão infinita» (p. 22). Parece, esta, uma clara alusão à «gente da terceira classe» de Rodrigues Miguéis, que será novamente citado mais à frente pela sua condição de expatriado. O leitor vem informado que ser intelectual (isto é, «imigrante *por cima*») nos Estados Unidos é «extremamente difícil», pelos hábitos sociais diferentes, no que respeita o uso de códigos relacionamento interpessoal, e pelos americanos serem «pouco tolerantes para quem tem dificuldades em adaptar-se a eles», corroborando *a priori* o pensamento de Edward Said nas suas *Reflexões*: «habits of life, expression, or activity in the new environment inevitably occur against the memory of these things in another environment. Thus both the new and the old environments are vivid, actual, occurring together contrapuntally».

Marcante é «Sobre a cultura norte-americana», escrito em Madison a 15 de Agosto de 1968, onde a definição do mito americano está ligada à *heteroimagem* criada pelas «frustrações do liberalismo europeu» (p. 31). O testemunho contundente do autor observa à lupa a organização estado-unidense enquanto emanação de uma sociedade de massas regida pelos conceitos de República Aristocrática e Senatorial, cuja simbólica é bem explicitada na arquitetura neoclássica do Capitólio. Extremamente atual, a análise permite descriptar os porquês de eventos desconcertantes acontecidos décadas depois e tornados tristes referências de um certo lado obscuro americano, tais como os dramas de Columbine ou de Oklahoma City («muitos americanos tendem para a violência inesperada», p. 51). Em «V[ida] mundial – 1», texto inédito e ainda surpreendentemente moderno, aparece uma lúcida análise do sistema político na época do Presidente Nixon, definido pela frase de George Bernard Shaw «a última monarquia absoluta que existia no mundo».

Há mais ensaios onde vêm delineadas a imagem de Portugal e da língua portuguesa na terra de acolhimento. É uma voz, a do autor, que ecoa o pensamento de Adorno em *Minima moralia*: o intelectual vive num ambiente que lhe parece incompreensível, de quem nada sabe, nem se interessa pela sua terra de origem, procurando pelo contrário sepultar as suas raízes, na tentativa de o cooptar – veja-se o caso da professora do filho a instigá-lo a falar só inglês com

os pais (p. 161). É também a voz desiludida de quem pensava encontrar na Universidade, além do Parnaso humanista, um padrão moral de virtudes, prontamente desmentido pelas mesquinhas lutas académicas que assolam o mundo inteiro e também a terra dos valorosos *Founding Fathers*. Jorge de Sena sofre as consequências da luta entre o Espanhol e o Português, com os colegas de Castelhana a desaconselhar a aprendizagem da língua lusa e a negar a existência da lusofonia na América Latina. Outros problemas subsistem com o português do Brasil, que conta com uma maior visibilidade garantida pelo maior número de alunos e de docentes procedentes desse país, a criarem *lobbys* geradores de uma maior atenção institucional, também devida à posição estratégica do país na América do Sul.

De facto, a invisibilidade perante os *yankees* de Portugal (nessa altura ainda «orgulhosamente só»), da sua história e do seu elo plurissecular com o Brasil, em prol de uma versão pan-americana do Destino Manifesto e da «América para os (norte-) americanos», reflete-se pela negação da existência do português europeu, que acaba vítima de orientações estratégicas a nível governamental e linguístico. A fala do autor torna-se, parafraseando Drummond, «língua-problema», a alimentar os protestos de alunos de Madison contra o professor que *estrage* o lindo sotaque (brasileiro) por eles já adquirido (in «Carta a Agostinho Almeida», p. 131). Existe, neste caso a influência do «antiportu-

guesismo semiconscente» que vigora no Brasil desde a sua independência (p. 155) e que chega a manipular a leitura objetiva da sua própria história e afeta também a massa discente americana.

O ensaio «Ser-se emigrante e como», escrito em 1978, já examina e associa o termo «diáspora» para a condição dos migrantes, além voltar a tratar de mediania e mediocridade moral citando Portugal, o melhor, o «Portugalório» que lhe recusa um prémio por ser considerado de nacionalidade brasileira, tal como ocorreu a Rodrigues Miguéis (também cidadão norte-americano). Cortante é a imagem representativa do intelectual sob a ditadura: «ele sabe que, se alguém se for embora, fica mais espaço no café aonde gasta o seu tempo», pois é pelo «compadrio» e pela «prostituição» que lhe é possível ganhar a vida (pp. 152-153). Ao contrário de Thomas Mann, autor de *Schicksal und Aufgabe*, não está patente neste e nos restantes textos do livro a pretensão de o autor ser um *Praeceptor Lusitaniae*, mas apenas a vontade de dar espaço ao protesto civil de quem está acostumado a lutar (em vão) contra lugares comuns e convenções sociais injustas.

Uma última parte consagrada à bibliografia e a notas informativas permite orientar o leitor na melhor contextualização dos textos apresentados, dentro da produção de um dos autores portugueses mais representativos de novecentos.

*Alberto Sismondini*